

LITERATURA E AUTORITARISMO – Nº 43 – 2024

Aspectos do racismo, da violência de gênero e de ditaduras

João Luis Pereira Ourique
Rosani Ketzer Umbach

A revista eletrônica *Literatura e Autoritarismo* inicia uma nova fase em 2024, passando da periodicidade semestral para a publicação em fluxo contínuo visando atender um ritmo de divulgação mais ágil ao disponibilizar ao longo do ano os artigos submetidos e avaliados pelos pareceristas. Também traz uma nova seção, *Varia*, destinada a artigos de tema livre dentro de seu foco e escopo. A Equipe Editorial salienta que esse trabalho é realizado sem ônus para os pesquisadores que submetem seus textos e propostas, bem como conta com a colaboração sem pro labore para todos os envolvidos no processo – editores, pareceristas, revisores, diagramadores – o que torna a manutenção do periódico um desafio constante. Nesse sentido, a Universidade Federal de Santa Maria garante a estrutura mínima e os demais recursos necessários são alcançados com projetos submetidos à própria instituição e aos órgãos de fomento para captação de bolsas, situação que contribui também para a formação de acadêmicos de várias instituições que apoiam a publicação direta e indiretamente. O número 43 apresenta como título **Aspectos do racismo, da violência de gênero e de ditaduras** e contém artigos abordando tais aspectos que permeiam a produção literária em seu viés crítico e que necessitam serem constantemente repensados, reelaborados e refletidos para evitar sua normalização. Entendemos, juntamente com Ella Shohat e Robert Stam, que o “racismo (...) é, de um ponto de vista histórico, um aliado e um produto parcial do colonialismo. As vítimas mais óbvias do racismo são aquelas cujas identidades foram forjadas no caldeirão colonial (...) A cultura colonialista construiu um sentimento de superioridade ontológica na Europa

em relação às ‘raças inferiores desregradas’¹. Nessa linha crítica, as discussões de Gracineia dos Santos Araújo em **Arado torcido (Torto Arado), de la realidad a la literatura de Itamar Vieira Júnior: breve reflexión sobre la vida en Água Negra** evidenciam uma reflexão “sobre nuestro pasado, escuchando y dando protagonismo a las voces negras que estuvieron silenciadas a lo largo de los siglos, elevándolos al altar sagrado de la literatura”. Harion Custódio se soma a essa leitura com o artigo **Tempo e história em Torto arado: uma leitura por meio das teses “Sobre o Conceito de História” de Walter Benjamin** em que “o romance Torto arado se encaixa em alguns pressupostos Benjaminianos descritos nas teses. (...) No enredo do referido romance o passado coexiste com o presente, rasurando formas fixas de delimitação do tempo histórico de desenvolvimento da narrativa. Ademais, a encenação dos processos de luta envolvendo oprimidos e opressores: o escritor Itamar resgata as formas de existência e resistência de comunidades rurais atadas a processos de luta pelo direito à terra e exercício da cultura, em oposição ao julgo das forças oligárquicas e escravocratas”.

Ainda no âmbito da perspectiva crítica sobre o racismo, Rafael Guimarães Tavares da Silva aborda a obra de Conceição Evaristo no texto **Entre violência e resistência, o valor testemunhal da “escrevivência”**, apontando como pode ser percebida como “um elogio da memória como forma de promover a tomada de consciência sobre os processos históricos de opressão, entendendo-se o trabalho com essa memória como o caminho inevitável para uma transformação da realidade social”.

Gilberto Gomes Pereira e Andréa Vettorassi, em **Travessias: migração e violência simbólica nas tramas de literaturas negras**, partem do pressuposto de que “Toda obra afrodescendente no continente americano traz elementos em comum, frutos da diáspora produzida pelo processo colonizador”, concluindo que os “autores afrodescendentes escrevem com essa dupla consciência de que são pertencentes a uma terra para onde seus ancestrais vieram forçadamente e passaram por um processo de escravização”.

¹ In: Crítica da imagem eurocêntrica. Multiculturalismo e representação. Tradução: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 45.

No artigo **Reflexões sobre a construção estereotipada do negro no romance Cidade de Deus**, João Luis Pereira Ourique e Christopher Rive St Vil visam a “refletir sobre os estereótipos da cultura e da representação do negro na sociedade” analisando, na obra de Paulo Lins, “contradições existentes na construção de identidades pela narrativa ficcional” ao mesmo tempo que discutem as possíveis ambiguidades em “definições sobre o que é ser negro ou preto”, questionando se estas classificações podem ser lidas como “uma crítica ou uma espécie de aceitação/naturalização do preconceito e do racismo histórico”.

A representação do negro na sociedade também é foco de Adriana Seibert de Oliveira em **Negra Sou: o livro-reportagem e seu papel na resistência e na representação**. O artigo traz uma reflexão sobre o “papel destas produções na resistência, representação e também na constituição da memória de atores sociais e da cultura negra, a partir do estudo do livro-reportagem” da jornalista Jaqueline Fraga e observa que “temática e autoria negra estão ganhando destaque e têm papel importante na educação antirracista e no combate ao racismo estrutural”. A análise destaca “o uso dos elementos jornalísticos e literários, os quais fazem com que o livro-reportagem seja um veículo de comunicação que contribui para a resistência e a representação”.

Em **Cliques de guerra: considerações sobre fotografia em Meio Sol Amarelo**, de Chimamanda Ngozi Adichie, Ana Clara Velloso Borges Pereira e Volker Jaeckel analisam “o romance *Meio Sol Amarelo* (2008), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, a partir da hipótese de que em uma narrativa de guerra, as fotografias, apesar de convertidas em palavras, são fundamentais para que os personagens reconheçam a própria identidade. Mesmo sem ilustrações, o livro articula literatura e fotografia nas descrições de imagens ausentes. O livro foi escolhido como corpus primário do ensaio por retratar situações limítrofes entre a vida e a morte durante a Guerra de Biafra¹, em que a fotografia serve como documento histórico e como relicário da memória”.

Dialogando com a fotografia e a questão das imagens, **A materialização da vulnerabilidade humana através de imagens**, artigo de Cassandra Naely Rodrigues dos Santos e Milena Hoffmann Kunrath, explica que “Por ser uma técnica de captura com uma maior aproximação da realidade, o registro de imagens por meio de câmeras tem sido utilizado desde a popularização da fotografia como instrumento de informação e de circulação de ideias que auxiliam na persuasão dos espectadores para a defesa ou ataque de determinadas posições ideológicas sobre acontecimentos históricos. Por esse motivo, o audiovisual pode ser utilizado como ferramenta de denúncia da vulnerabilidade humana ao proporcionar reflexões em seus espectadores”. As autoras discutem o papel que essa visibilidade exerce na cultura, visto que a “produção de imagem também é memória ao contar uma história possível de ser resgatada, localizada em determinada época e lugar sempre no passado. Porém, para uma maior compreensão dos significados desses objetos, deve-se conhecer a contextualização do momento registrado, processo que depende das palavras”.

Há uma relação muito próxima entre o racismo e a violência de gênero, não somente por impactar mulheres negras, mas também por se situar no campo de opressão às mulheres que se tornam responsáveis pelo cuidado da família e da própria cultura. Assim, quando interesses de grupos dominantes acabam por serem confrontados por essa presença, pelas suas demandas e políticas de reconhecimento, uma forte repressão se faz presente, comprometendo a própria organização do discurso opositor. Judith Butler reflete sobre essa questão a partir do seu próprio relato de si mesma ao considerar “a diferença entre o conceito de ‘articulação’ na obra de Bolla e o de narração, sugerindo que o que é ‘expressivo’ e ‘articulado’ nem sempre pode assumir uma forma narrativa para constituir algum tipo de transformação psíquica ou para realizar uma alteração positiva na relação transferencial.”²

Nessa linha de abordagem e de inserção da escrita de autoria feminina e da crítica à violência de gênero, também entendido como uma retomada de conceitos como o de “escrevivência” de Conceição Evaristo, o artigo de Edcarla Barboza e Cleyton Andrade – **A poética feminista nos cordéis de Salete Maria da Silva – aborda a motivação da cordelista Salete Maria da Silva** presente em *“Feminismo em cordel:*

como foi que começou? de 2015, Salete Maria conta a motivação que a levou ao mundo do cordel, destacando a relação pessoal e afetiva que adquiriu com essa poesia popular, ao tempo em que revela o lugar que o cordel assume ao adentrar as casas do sertão nordestino, onde a aridez transcende o âmbito geográfico. Em seus versos, fica explícita a relação significativa que sua família, mesmo diante da predominância do analfabetismo, mantinha com a poesia de cordel”.²

Ian Anderson Maximiano Costa analisa os testemunhos femininos no contexto de guerra em **Corpos, prisioneiras e afetos nos testemunhos femininos da Shoah: Ruth Klüger, Simone Veil e Charlotte Delbo**, defendendo que mesmo que a experiência de morte seja individual, os testemunhos evidenciam a presença das impossibilidades, da impotência perante o horror presente e o dever de manter a memória viva. “Nessa perspectiva, os testemunhos femininos parecem ir além, abrem outras brechas: permitem pensar como foi sobreviver aos campos a partir das representações e sensações femininas, sobre as ações de dessubjetivação mortíferas sobre seus corpos-outros; o cotidiano nos campos, os atritos, diferenciações e confluências entre prisioneiras políticas e prisioneiras judias; e, por fim, sobre os afetos como construções de espaços de acolhimento para enfrentar o horror”.

As obras de Walter Benjamin permeiam importantes discussões e se tornam ainda necessárias como elemento de reflexão sobre os recrudescimentos e revisionismos sem base e amparados em perspectivas limitadas e limitadoras da percepção coerente acerca do passado. O texto de Viviane Bitencourt dos Santos, **Memória, infância, limiar e imagem dialética em Walter Benjamin**, permite acessar vários elementos relevantes, como o limiar, a imagem dialética e a educação, pois “Da mesma forma que é preciso compreender o passado histórico, ao invés de simplesmente se virar para o futuro em busca do progresso, o indivíduo também precisa entender os acontecimentos da própria vida. (...) Os conceitos de imagem dialética e de limiar se complementam, e Benjamin não se limitou a apresentar proposições que convergem”.

² In: *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Tradução: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 93

A edição também apresenta discussões retomadas com frequência – e que são necessárias – sobre o contexto da ditadura cívico-militar no Brasil após o golpe militar de 1964. **O papel de Salim Miguel como livreiro e os reflexos desse período com o golpe de 1964**, de Lúcia Tormin Mollo, discute o trabalho do escritor e sua relevância durante o conturbado período da história recente do Brasil. No estado de Santa Catarina, o “papel de figuras como Salim Miguel era fundamental naquele período para a formação de um campo literário no estado”, o que culminou com sua prisão e tortura. “Salim Miguel sofreu tortura psicológica e ameaças de morte. (...) Por causa da perseguição dos militares, ele e a família tiveram que se mudar para o Rio de Janeiro por alguns anos até poderem voltar à capital catarinense”.

O artigo de César Alessandro Sagrillo Figueiredo – **A trilogia da ditadura na obra de Fernando Gabeira: memória, trauma e reflexões acerca do exílio** – aprofunda o debate sobre os desdobramentos da luta contra a opressão. A narrativa de Gabeira permite refletir e juntar os cacos da história, ao menos parcialmente, com base em uma memória marcada pelo trauma. Isso, no entanto, não deslegitima a contextualização histórica – se não se traduz como um documento, se estrutura enquanto reflexão do passado que pode ser vislumbrado no horizonte da história. “Nesse processo de redescoberta da sua nova identidade, a escrita acabaria sendo um dos elementos para poder falar sobre os diversos traumas vividos, proporcionando uma avalanche memorialística em que abruptamente surgia nas obras: prisão, tortura, cadeia, assassinatos sobre tortura, desaparecimento político de companheiros, golpes de Estado, exílio”.

Elementos desse contexto podem ser percebidos em obras da literatura contemporânea brasileira. Em **A literatura contemporânea vista a partir das personagens Joana, de Bernardo Kucinski, e Alice, de Maria Valéria Rezende**, Deisiane Ferreira de Souza e Olga Valeska Soares Coelho comentam a dificuldade em definir o que é contemporâneo. Essa discussão envolve o problema de definição da nossa própria historicidade e das situações históricas, culturais e sociais que se tornam mais ou menos relevantes ao longo das gerações. Para analisar as obras de Kucinski e Rezende, as autoras vêm, “então, uma complexidade na definição de termos como ‘contemporâneo’, ‘precursor’ e ‘atual’. Muitos diriam da atualidade de obras escritas há

alguns séculos, isso pode ser analisado a partir de alguns pontos, como a forma como a história é narrada, as características do personagem principal, a temática etc. Aqui pretende-se refletir sobre uma das vertentes da literatura chamada contemporânea: a literatura que dá voz às figuras marginalizadas e que, com isso, mergulha no que Agamben chamou de ‘trevas do presente’.

A Jangada de Pedra (1987): Ligações entre José Saramago e o BREXIT, de Mariana Soletti da Silva e Carlos Alexandre Baumgarten, se propõe a refletir sobre o contexto econômico e cultural europeu a partir da obra de Saramago. Para tanto, a crítica do escritor português é traduzida com base nas “críticas histórico-sociais presentes em sua obra [que] dizem respeito ao mercantilismo, ao fanatismo religioso e ao salazarismo, a ditadura que vigorou em Portugal durante 41 anos ininterruptos até a Revolução dos Cravos, em 25 de Abril de 1974”.

A seção *Varia* inicia com a contribuição **Primeiro a comida, depois a moral - sobre a canção de cabaré e a reflexão sobre o processo revolucionário alemão no Zeittheater de Bertolt Brecht e Kurt Weill**, de Vinicius Pastorelli. O artigo “indica uma nova chave de leitura da obra do chamado jovem Brecht, a partir da presença de algumas práticas culturais urbanas consolidadas em certos números do cabaré francês do século XIX, tal como elas aparecem mobilizadas como material artístico em “A ópera dos três vinténs”. Para isso, analisa o “processo revolucionário alemão de 1919-1923 no chamado ‘teatro de atualidades’ de Bertolt Brecht e Kurt Weill – sob o prisma combinado de uma crítica da recepção brasileira do conceito de teatro épico, da ideia de modernidade musical e da teoria do teatro moderno”.

Em **O Carapuceiro de Miguel do Sacramento Lopes Gama: Imprensa sobre uma maturidade excludente no Brasil do século XIX**, Hans Fernández apresenta o jornal recifense *O Carapuceiro* (1832–1847) de Miguel do Sacramento Lopes Gama, após “caracterizar a imprensa moralista europeia do século XVIII e sua recepção na América Latina durante o século XIX, contextualizando-as no âmbito do pensamento do Iluminismo e dando especial atenção ao conceito de *Mündigkeit* (maturidade, maioridade, emancipação)”. Por meio da análise de textos ficcionais do jornal, o artigo “aborda a funcionalização da ideia de *Mündigkeit* presente nas reflexões do narrador

sobre a identidade brasileira e em seu desenho de um ideal de comunidade nacional para o Brasil em ordem e progresso, no qual a religião desempenha um papel predominante e as culturas populares de origem africana são excluídas”.

Em ***O som do rugido da onça: reescrever a história pelo encantamento do mundo***, Giana Antunes Bess analisa como a obra “subverte a narrativa de uma historiografia hegemônica escrita na perspectiva dos sequestradores-cientistas”, o zoólogo Johann Baptist von Spix e o botânico Carl Friedrich Martius, “a partir da mobilização da inserção de cosmovisões de povos originários”. A análise chega a conclusões como “a história não é linear nem homogênea”; “o Iluminismo promoveu um desencantamento do mundo, substituindo a imaginação pelo saber para justificar uma série de violências coloniais”, além de postular a equivalência lógica: “se a realidade é dependente da ação humana, ela é passível de intervenção para sua modificação”.

Por fim, o artigo **Um breve olhar no jardim de rosas de Maeve Brennan – A experiência de não pertença das protagonistas dos contos em *The Rose Garden***, de Sabrina Siqueira, Rosani Ketzer Umbach e Roberta Flores Santurio, “revisa os principais assuntos explorados pela escritora irlandesa Maeve Brennan na coletânea de contos *The Rose Garden*, considerando os contos divididos em grupos temáticos”. Na análise da obra, observa-se que “Brennan expõe vícios da sociedade nova-iorquina e dá voz a um grupo que comumente não ocupava o protagonismo na literatura da década de 1950: mulheres imigrantes, feias, solitárias e vivendo o último estágio da vida adulta antes da terceira idade”.

Neste número de 2024, a revista *Literatura e Autoritarismo* publica, pela primeira vez, a retratação de um de seus artigos: **Olhando através do ideal americano: a política do humor violento em *As aventuras de Huckleberry Finn***. Publicado em inglês sob o título “Looking Through the American Ideal: The Politics of Violent Humor in *The Adventures of Huckleberry Finn*” [*Literatura e Autoritarismo*. 2022 jul.-dez.; 40: 139–158. <https://doi.org/10.5902/1679849X66796>], o artigo foi retirado em razão de inconsistências de autoria e solicitação de retratação apresentada pelo autor da submissão, que admitiu a falha e apresentou suas sinceras desculpas aos editores e leitores deste periódico.

Termina esta edição a **Resenha do Dossiê Temático Representações do Autoritarismo na Literatura Portuguesa e Brasileira**, de Daniela Zelková, que apresenta oito artigos do referido dossiê publicado em 2022 e incluído no volume n. 9 da revista *e-Letras com Vida — Revista de Estudos Globais: Humanidades, Ciências e Artes*, uma publicação científica do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta, com sede em Lisboa.³ A autora da resenha mostra “a importante contribuição, com a qual o dossiê enriqueceu este campo temático e demonstra a força humana em enfrentar as diferentes formas de violências e de restrições nos regimes autoritários em vários períodos temporais”.

Os editores da revista *Literatura e Autoritarismo* agradecem aos autores que disponibilizaram seus textos e desejam uma boa e profícua leitura, almejando, ainda, que esta edição contribua com os estudos acerca da produção cultural, especialmente da literatura e da crítica literária voltadas ao foco e escopo deste periódico.

³ Disponível em <http://www.e-lcv.online/index.php/revista/about>. Acesso em 01 dez. 2024.